

ATIVIDADE PUXADA POR 'COMMODITIES'

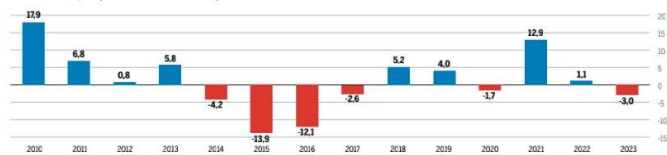
NÚMEROS DO SETOR

A formação bruta de capital fixo (FBCF, conta dos investimentos no PIB) teve em 2023 a maior queda desde 2016, quando a economia estava em recessão.

Com isso, a taxa de investimentos ficou em 16,5% do PIB no ano passado, ante 17,8% do PIB em 2022.

Fonte: IBGE

Investimentos (variação, em %, ante o ano anterior)



Investimentos recuam 3%, a maior queda desde 2016

Indústria de transformação tem o pior desempenho de 2023, com recuo de 1,3%. Construção civil também fica negativa

VINÍCIUS NIEBER
E CAROLINA NALIN
economiareporter@oglobo.com.br

A queda de 3% dos investimentos foi a má notícia do PIB de 2023. Ano passado, os investimentos tiveram o pior desempenho desde 2016, quando a economia ainda estava em recessão associada à crise fiscal e à política que levou ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. A redução foi mais forte até mesmo que o recuo de 1,7% de 2020, quando a economia parou de forma inédita por causa da Covid-19.

Economistas chamam a atenção para esse componente do PIB porque, além de movimentar a economia no presente, os investimentos aumentam a capacidade de crescer no futuro.

Os juros elevados para conter a inflação — que subiu, mundo afora, na esteira dos impactos atípicos da

pandemia — foram citados por economistas como o principal motivo para a derubada dos investimentos. As taxas influenciam as decisões de empresas e investidores pelo custo do financiamento pela atividade maior dos títulos públicos, pelo retorno alto e garantido.

MÉDIA, JURO ALTO

Segundo o IBGE, embora a taxa básica de juros, a Selic, tenha começado a cair no segundo semestre — hoje, está em 11,25% ao ano —, na média, ela ficou em 13% ao ano em 2023. Em 2022, a média tinha sido de 12,4%.

O efeito foi sentido nos dois principais componentes dos investimentos, a construção civil e o bem de capital. A primeira, que responde por 45% do investimento, caiu 0,5%, depois de ter crescido 6,8% em 2022. As máquinas e equipamen-

tos tiveram um desempenho ainda pior, com queda de 9,4% ano passado, conforme o IBGE.

Isso ajuda a explicar a crise na indústria de transformação, que recuou 1,3%, o pior desempenho entre todas as atividades pela ótica da oferta. No quarto trimestre, a indústria manufatureira atingiu um nível de atividade 18,5% abaixo do pico, registrado no terceiro trimestre de 2008, antes da crise financeira internacional deflagrada naquele ano.

Alguns economistas apontaram para um comportamento conjuntural na queda dos investimentos, que já deverá ser seguida por uma retomada, mesmo que gradual, este ano. Essa recuperação teria sido sinalizada pela alta de 0,9% dos investimentos na comparação do quarto com o terceiro trimestre.

A pesquisadora Sílvia Martins, coordenadora de Bele-



Retração. Construção civil teve desempenho ruim em 2023. Depois da alta de 6,8% de 2022, setor recuou 0,5%.

tim Macró, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), lembrou que já era esperada uma acomodação após um ciclo de alta em 2021, quando os juros baixos levaram os setores de energia e construção a investir.

A transição de governo no plano federal, com uma mudança na política econômica, também pode ter contribuído para o mau desempenho, mas Alessandra Ribeiro, sócia da Tendências Consultoria, ressaltou que os indicadores do mercado financeiro que medem o risco-país calam ao longo do ano passado. A economista acha que,

ainda que o governo dê sinais contradiitórios para o investimento privado, o efeito da transição política também pode ser conjuntural.

APOSTAR NO FUTURO

Já Cláudio Frischtak, presidente da Inter B Consultoria, vê com mais preocupação a queda dos investimentos. Lembrando que a decisão de investir é uma "aposta no futuro", o especialista ressaltou que haveria motivos para os investimentos seguirem crescendo. A perspectiva de crescimento do consumo das famílias, exportações "sólidas" e um cenário "de modo geral be-

nigno" justificariam essa aposta, mas os riscos no governo podem reduzir o apetite por investir.

— A minha percepção é que as declarações de muitos no governo e ações que representam certo retrocesso no âmbito de política econômica geram maior incerteza, que amortece a vontade de investir. Há muito vale a pena, inclusive por força de certas iniciativas do Congresso, além de uma insegurança jurídica que permanece como barreira número um — disse Frischtak. Com a queda, a parcela do PIB destinada ao investimento caiu de 17,8% para 16,5%.

Brasil volta ao grupo das dez maiores economias do mundo

Ranking da Austin Rating mostra país no 9º lugar. Em 2022, era o 11º, diz FMI

JOÃO SORIMANI NETO
para economiareporter@oglobo.com.br

Com o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 2,9% no ano passado, o Brasil voltou ao grupo das dez maiores economias globais, ficando à frente da Canadá e da Rússia. Segundo levantamento da agência de classificação de risco Austin Rating, o PIB ficou em US\$ 2,1 trilhões. É a nona maior do mundo.

Os Estados Unidos lideram o ranking, com PIB de US\$ 26 trilhões, seguidos de China (US\$ 17 trilhões) e Alemanha (US\$ 4,4 trilhões).

No ano passado, o Brasil havia ficado na 11ª posição, com PIB de US\$ 1,9 trilhões, de acordo com a Austin Rating. Em 2021, o país apareceu na 12ª posição, com a economia produzindo US\$ 1,6 trilhões.

Nos dois anos anteriores, os EUA e a China apareceram nas mesmas posições: 1º e 2º lugar. Segundo dados do Fundo Monetário Internacional

O RANKING DO PIB

As dez maiores economias de 2023



Veja o ranking de crescimento do ano passado



Fonte: FMI

(FMI), em 2018 e 2019, o Brasil tinha o nono maior PIB global, mesma posição atual.

Os dados consideram os valores correntes do PIB em dólares. Mas, por outro critério, que é o PIB por paridade de poder de compra — que leva em consideração não apenas

a conversão do câmbio, mas as diferenças do custo de vida em cada país, ou seja, o que é possível comprar de bens com uma determinada quantidade de dinheiro — o Brasil era a 8ª maior economia do planeta em 2022. E, segundo as mais recen-

tes projeções do FMI, de outubro do ano passado, deve ter continuado nesta posição também em 2023.

14º EM CRESCIMENTO

Considerando a taxa de crescimento do PIB, o Brasil ficou em 14º lugar entre os que tiveram expansão mais acelerada, segundo ranking elaborado pela Austin com 54 países.

Na primeira posição, aparece a Mongólia, com expansão de 7,1% em 2023, seguida de Índia (6,7%) e Irã (6,4%). A China aparece na sexta posição, com avanço de 5,2%.

O Brasil ficou à frente da maior economia do mundo, os Estados Unidos, que cresceu 2,5% no ano passado, na 17ª posição, e de países desenvolvidos, como Espanha (2,4%) e 20º lugar no ranking) e Portugal (2,3% e 21º lugar).

Entre os latino-americanos, o México superou o Brasil com expansão da economia de 3,4%, ficando na 12ª posição. Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, diz que, para este ano, já se vê perda de fôlego da economia:

— O cenário está mais desafiador, com destaque para o fiscal. Mas o país tem contas externas em ordem, juros em queda, volume de crédito crescente e Bolsa batendo recordes. Por isso, os investidores acreditam no país.

Vitrine CLASSIFICADOS DO RIO

Veja estas e outras ofertas no Caderno de Veículos

Seres 3 – 2023/2023

R\$ 199.990,00

Você encontra essa oferta na página 06 nas Classificadas de Veículos.

Seres 5 – 2023

R\$ 389.900,00

Você encontra essa oferta na página 06 nas Classificadas de Veículos.

Seres 7 – 2024

R\$ 489.990,00

Você encontra essa oferta na página 06 nas Classificadas de Veículos.